



**O que significa
«RESSURREIÇÃO»?
Porque é que uma
palavra que, no
Novo Testamento,
quase não ocorre
na boca de Jesus
se tornou tão
central para a
crença cristã?**

Ressurreição

O que significa «ressurreição»? Porque é que uma palavra que, no Novo Testamento, quase não ocorre na boca de Jesus se tornou tão central para a crença cristã?

São perguntas complexas, para as quais não há respostas evidentes. Começemos pelos Evangelhos, onde as ocorrências da palavra grega «anástasis» («ressurreição») são surpreendentemente poucas. Em **MARCOS** (provavelmente o Evangelho mais antigo), a palavra ocorre apenas 2 vezes, na conversa dos Saduceus com Jesus. Eles pronunciam o termo «ressurreição». Mas, na resposta que Jesus lhes dá, ele evita verbalizar a palavra. Em Mateus, a palavra ocorre 4 vezes; em Lucas, 6 vezes; em João, 3 vezes. A palavra não é usada, em nenhuma destas ocorrências, para a ressurreição propriamente dita de Jesus.

No entanto, é em João que Jesus personaliza de forma

mais evidente «ressurreição», ao afirmar «eu sou a ressurreição» (João 11:25).

O que nos leva para a primeira pergunta acima formulada: **o que é «ressurreição»?**

A palavra grega «anástasis» implica a ideia de «voltar a estar de pé»: ou seja, a pessoa prostrada na horizontal volta a pôr-se de pé. Por isso Sófocles a emprega para descrever o que acontece à pessoa que acorda do sono: volta a pôr-se de pé. Mas, já antes dele, na primeira ocorrência conhecida da palavra em grego, o que está em causa é despertar da morte (Ésquilo, Euménides 648); só que a palavra é posta na boca do deus Apolo para afirmar que a ressurreição não existe: «Uma vez que um homem morre e o pó chupou

o seu sangue, não existe ressurreição.»

O cristianismo vem afirmar o contrário: a ressurreição existe. E nos Evangelhos só temos basicamente uma pista para entendermos o que a ressurreição é: a ressurreição é o próprio Jesus. Ele encarna, incorpora a ressurreição.

Todos nos habituámos a pensar que isso só tem um significado: os mortos acordarão dos túmulos e voltarão a pôr-se de pé. A palavra grega não pode ter outro sentido.

E a palavra latina? É que, na verdade, a nossa palavra portuguesa não deriva da palavra grega, mas sim da latina, «resurrectio». No cerne da palavra grega, está o verbo grego donde deriva em português «eSTAR» («anáSTAsis»). No cerne da palavra latina, está o verbo «regō»: «resurRECTio».

Este verbo está relacionado com «right» em inglês e «recht» em alemão. O seu sentido original em latim sugere a ideia de estabelecer uma linha direita: uma fronteira certa entre duas coisas.

O verbo também é usado para descrever a acção do farol que «rege» a navegação de marinheiros: mostra o caminho certo.

Pessoalmente, penso que, nas palavras de Jesus «Eu sou a ressurreição», estão presentes estes sentidos. Jesus é a linha direita que marca a fronteira entre duas coisas: o bem e o mal; o certo e o errado. Ao mesmo tempo, é o farol que nos guia na navegação das nossas vidas terrenas.

«Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acreditar em mim, ainda que morra, viverá» (João 11:25).

Imagem: Fra Angelico, Convento de São Marcos, Florença.

FREDERICO LOURENÇO. Escritor, tradutor e professor universitário. É grande especialista de línguas e literaturas clássicas, em particular de grego clássico.

Como viver a Páscoa no meio de tantas crises?

MUITAS CRISES assolam a humanidade: **a crise econômica** derrubando grandes bancos nos países centrais, **a crise política** com o ascenso mundial das políticas de direita e de extrema-direita, **a crise das democracias** em quase todos os países, **a crise do Estado** cada vez mais burocratizado, **a crise do capitalismo globalizado** que não consegue resolver os problemas que ele mesmo criou, gerando uma acumulação de riqueza em pouquíssimas mãos num mar de pobreza e de miséria, **a crise ética**, pois não contam mais valores da grande tradição da humanidade, mas o vale tudo pós moderno (*every think goes*), **a crise do humanismo** pois impera relações de ódio e de barbárie nas

relações sociais, **a crise de civilização** que começou a introduzir a inteligência artificial autónoma que articula biliões de algoritmos, toma decisões, independente da vontade humana, pondo em risco nosso futuro comum, **a crise sanitária** que atingiu toda a humanidade pelo Covid-19, **a crise ecológica** que, se não cuidarmos da biosfera, nos alerta para uma tragédia possível e terminal do sistema-vida e do sistema-Terra. Por detrás de todas estas **crises** há uma crise ainda maior: **a crise do espírito** que representa uma **crise da vida humana neste planeta**.

O espírito é aquele momento da vida consciente no qual nos damos conta de que pertencemos a um todo maior, terreno e cósmico, que esta-

mos à mercê de uma Energia poderosa e amorosa que sustenta todas as coisas e a nós mesmos. Temos a faculdade específica de com ela poder dialogar e a ela nos abrir, identificando um Sentido maior que tudo perpassa e que atende ao nosso impulso de infinitude. A vida do espírito (que neurólogos chamam de "ponto Deus" no cérebro) vem soterrada pela vontade irrefreável de acumulação de bens materiais, pelo consumismo, pelo egoísmo e pela falta profunda de solidariedade.

Depois de agosto de 1945, os Estados Unidos da América lançaram duas bombas nucleares sobre HIROSHIMA E NAGASAKI, abriram-nos a consciência de que podemos auto aniquilar-nos. Esse risco aumentou com a corrida aos armamentos, incluindo nove nações, com armas químicas, biológicas e cerca de 16 mil ogivas nucleares. A atual guerra entre a Rússia e a Ucrânia fez com que Putin ameaçasse o uso de armas nucleares, trazendo o temor apocalíptico do fim da espécie humana.

Nesse cenário **como celebrar a maior festa da cristandade que é a PÁSCOA, a ressurreição do Crucificado, Jesus de Nazaré? Ressurreição** não deve ser entendida como a reanimação de um cadáver como o de Lázaro. Ressurreição, nas palavras de S. Paulo representa a irrupção do "*novissimus Adam*" (1Cor 15,45), vale dizer, do ser humano novo, cujas infinitas virtualidades presentes nele (somos um projeto infinito) afloram totalmente. Desta forma comparece como uma revolução na evolução, uma antecipação do fim de boa da vida humana. O **Ressuscitado** ganhou uma dimensão cósmica, nunca mais deixou o mundo e enche todo o universo.

Nesse sentido **a ressurreição não é a memória de um passado, mas a celebração de um presente**, sempre presente a nos suscitar alegria, o suave sorriso na certeza de que a morte mata-da de Jesus de Nazaré, a Sexta-Feira Santa, é só uma passagem para uma vida, livre da morte e plenamente reali-

zada: a ressurreição. O horizonte sombrio se desanuviou e o irrompeu o Sol da esperança.

Pensando em termos do processo cosmogénico que tudo engloba, a **ressurreição** não está fora dele. Pelo contrário, é uma emergência nova da cosmogénese e daí seu valor universal, para além do salto da fé. A **ressurreição** é a síntese da dialética, de onde Hegel tirou sua dialética, da vida (*tese*), da morte (*antítese*) e da ressurreição (*síntese*). Esta é o termo de tudo, agora antecipado para nossa alegria. É o génesis verdadeiro, não do começo, mas do fim já alcançado.

Considero a versão **do evangelho de Marcos sobre a ressurreição a mais realista e verdadeira**. Ele termina se texto com Jesus ressuscitado, dizendo às mulheres: *"ide dizer aos apóstolos e a Pedro que ele (o Ressuscitado) vos precede na Galileia. Lá o vereis com vos disse"* (Mc 16, 7). E assim termina. As aparições relata-

das são convicção dos estudiosos, seria um acréscimo posterior. Quer dizer: **todos estamos a caminho da Galileia para encontrar o Ressuscitado**. Ele pessoalmente ressuscitou mas sua ressurreição não se completou enquanto seus irmãos e irmãs e a inteira natureza ainda não ressuscitaram. **Estamos a caminho, esperados pelo Ressuscitado** que ainda não se mostrou totalmente. Por esta razão, o mundo fenomenologicamente continua o mesmo ou pior, com guerras e momentos de paz, com bondades e perversidades, como se não tivesse havido a ressurreição como sinal de superação desta realidade ambígua.

Mesmo assim **depois que CRISTO RESSUSCITOU não podemos mais ficar tristes: o bom fim está garantido**.

Boa festa de Páscoa para todos os que puderem realizar este percurso e também para aqueles que não o podem realizar.

LEONARDO BOFF escreveu: *A ressurreição de Cristo e a nossa na morte*, Vozes 1972 várias edições.

ABERTOS AO ESPÍRITO

Não falam muito. Não se fazem notar. A sua presença é modesta e silenciosa, mas são «sal da terra». Enquanto houver no mundo mulheres e homens atentos ao Espírito de Deus, será possível continuar à espera. Eles são o melhor presente para uma Igreja ameaçada pela mediocridade espiritual.

A sua influência não vem do que fazem ou do que falam ou escrevem, mas de uma realidade mais profunda. Estão retirados em mosteiros ou escondidos no meio das pessoas. Não se destacam pela sua atividade e, no entanto, irradiam energia interior onde quer que estejam.

Não vivem de aparências. A sua vida nasce do mais fundo do seu ser. Vivem em harmonia consigo mesmos, atentos a fazer coincidir sua existência com a chamada do Espírito que os habita. Sem que eles mesmos se apercebam, são na Terra reflexo do Mistério de Deus.

Têm defeitos e limitações. Não estão imunizados contra o pecado. Mas não se deixam absorver pelos problemas e conflitos da vida. Voltam uma e outra vez ao fundo do seu ser.

Esforçam-se para viver na presença de Deus. Ele é o centro e a fonte que unifica os seus desejos, palavras e decisões.

Basta entrar em contacto com eles para tomar consciência da dispersão e agitação que há dentro de nós. Junto deles é fácil perceber a falta de unidade interior, vazio e superficialidade das nossas vidas. Eles fazem-nos intuir dimensões que desconhecemos.

Estes homens e mulheres abertos ao Espírito são fonte de luz e de vida. A sua influência é oculta e misteriosa. Estabelecem com os outros uma relação que nasce de Deus. Vivem em comunhão com pessoas que nunca viram. Amam com ternura e compaixão pessoas que não conhecem. Deus fá-los viver em profunda união com toda a criação.

No meio de uma sociedade materialista e superficial, que tanto desqualifica e maltrata os valores do espírito, quero recordar estes homens e mulheres «espirituais». Eles lembram-nos a maior saudade do coração humano e a Fonte última onde se apaga toda a sede.

Morreu **JACQUES GAILLOT**, o bispo que defendia divorciados, homossexuais e emigrantes.



O REBELDE BISPO CATÓLICO FRANCÊS **JACQUES GAILLOT**, ATIVISTA PELOS DIREITOS DOS DIVORCIADOS, HOMOSSEXUAIS E IMIGRANTES, MORREU na passada quarta-feira, 12 de Abril, em **Paris** aos 87 anos, informou a **Conferência Episcopal Francesa**.

Gaillot morreu de cancro hepático fulminante, segundo a diocese de **Evreux**, na **Normandia**, que liderou por 13 anos, antes de **João Paulo II** puni-lo e destituiu-o do cargo por suas opiniões heterodoxas sobre a doutrina católica oficial e seu envolvimento político.

O **Vaticano** então o nomeou bispo de **PARTENIA**, diocese da Mauritània que não existia desde o século V. E dessa diocese virtual **continuou a defender os excluídos, como os indocumentados e divorciados, assim como os padres casados**.

Em setembro de 2015, foi recebido pelo Papa **Francisco**, diante de quem repetiu suas posições.

Fundou a **ONG *Droits Devant***, para defender suas posições.

Nascido em 11 de setembro de 1935, filho de um comerciante de vinhos Champagne. Formou-se em Teologia e foi ordenado presbítero depois de servir 28 meses na **Argélia** no exército francês.